

# Estrangeiros aguardam aprovação do ajuste

Paula de Santis  
de São Paulo

Não é mais um pacote de ajuste fiscal que vai estimular a volta do investidor estrangeiro ao País. Europeus e norte-americanos querem ver, preto no branco, a aprovação das medidas pelo Congresso Nacional, sua efetiva implementação e a assinatura do acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Somente depois disso eles vão acreditar que o risco Brasil e os juros podem cair. A volta do dinheiro, ainda assim, leva tempo. Os 2% de Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) pagos para trazer capital externo ao País é uma barreira bastante considerável. Muitos analistas acreditam que o primeiro passo deve ser dado pelos próprios brasileiros — empresas e investidores individuais — que mandaram dinheiro ao exterior ou procuraram aplicações atreladas ao dólar.

“Enquanto os brasileiros desconfiarem da estabilidade da moeda e da economia será difícil convencer o estrangeiro de que a situação melhorou”, disse David Chon, estrategista de ações para América Latina do banco Bear Sterns.

Geraldo Carbone, presidente do BankBoston, não concorda. Segundo ele, a política econômica é feita para o investidor que pensa globalmente, seja brasileiro ou não. “A estratégia do estrangeiro não depende do fluxo de recursos do brasileiro”, afirmou. De acordo com um diretor de um dos maiores bancos de varejo

norte-americano, o investidor estrangeiro já trabalha com um cenário de desvalorização do câmbio. “Só não se sabe quando”, disse.

Nem mesmo taxas de juro elevadas colaboram para atrair capital externo. Segundo esse mesmo diretor, o estrangeiro não tem mais apetite para risco, mesmo com taxas altas. As perdas dos fundos de renda fixa de capital estrangeiro mostram isso. “Se a pessoa ainda quiser alguma participação em Brasil, vale mais a pena investir em C-Bond, que tem um cupom bom e está atrelado ao dólar.” Walter Stoeppewert, diretor de pesquisa para a América Latina do Banco Fleming Graphus em Nova York, tem a mesma opinião.

A volta dos recursos para a bolsa de valores vai levar mais tempo. Quando ocorrer, a preferência será pelas ações mais líquidas. Chon acredita que há boas oportunidades nos setores de telecomunicações, energia e petroquímico. “Há também papéis de segunda linha interessantes”, afirmou, sem detalhar.

Segundo Stoeppewert, os estrangeiros vão procurar fugir das empresas com dívidas em dólar. “Companhia de Eletricidade do Rio de Janeiro (Cerj), Light, Metropolitana, Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e Petrobras podem ser prejudicadas por isso”, disse ele. “Elas podem render mais em momentos de alta, mas são mais arriscadas.”

O diretor do Fleming Graphus acredita na migração para ações defensivas. Por exemplo, Pão de Açú-

car, Itaú, Tele Sudeste, Tele Norte Leste e Embratel. “A Tele Norte Leste tem R\$ 2 bilhões em caixa e a Embratel, R\$ 300 milhões. Isso é bom porque não vão precisar de financiamentos”, afirmou.

## Desafio

O pacote fiscal é encarado como um grande desafio político. “O estrangeiro não entende a relação entre PFL, PSDB, PT e PMDB e nem como será difícil a aprovação das medidas”, diz Stoeppewert.

“Os apoios dos Estados Unidos e do FMI ajudam, mas não vão resolver o problema. A economia depende do próprio País e do povo para

reduzir seu risco”, acredita Chon. Segundo ele, os estrangeiros estão prontos para investir no Brasil de novo e observam, com atenção, os instrumentos financeiros. “Só precisavam retomar a confiança.”

“Até que a aprovação ocorra — que não será fácil, nem rápida — haverá desgaste e muita expectativa. Para voltar, o estrangeiro precisa ter certeza de que não haverá desvalorização da moeda”, disse o diretor do banco de varejo norte-americano. “A aprovação da reforma da previdência, a regulamentação da reforma administrativa e o progresso dos déficits estaduais também contam pontos”, diz Stoeppewert. ■